

O BASQUETE EM CADEIRAS DE RODAS COM PAPEL DE INCLUSÃO E INTEGRAÇÃO DOS PORTADORES DE DEFICIÊNCIA

Prof. Társo Monteiro Lago

Acad. Alessandra Agra Amorim

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Brasil

Resumo

O artigo foi produzido com o objetivo de demonstrar, refletir e discutir que através do esporte pessoas com necessidades especiais podem ser incluídas, exercendo qualquer papel dentro da sociedade, podendo praticar esporte de alto nível, aumentando a auto-estima e sociabilizando sem medo de não conseguir e se frustrar.

Palavras chaves: esporte; necessidades.

Abstract

The article that has been produced with the object of to prove, to reflect and to discuss that through sport people with specials needs are include, performed any function inside of society, can to practice sport of high level, increasing the self-esteem and sociable, no fear of try and to mistake.

Keywords: sport; needs.

Introdução

As Primeiras modalidades de esporte adaptado tiveram origem na Inglaterra e nos EUA. Na Inglaterra, por iniciativa do médico Ludwig Guttmann, indivíduos com lesão medular ou amputações de membros inferiores começaram a praticar esporte jogos em um hospital em Stoke Mandeville. Nos EUA por iniciativa da PVA(Paralyzed Veterans of América), veteranos acidentados principalmente durante a segunda guerra mundial, surgiram as primeiras equipes de basquetebol em cadeiras de rodas, atletismo e natação.

O Basquetebol em Cadeira de Rodas foi a primeira modalidade a ser praticada no Brasil com necessidades especiais. O pioneiro nesta modalidade foi Sérgio Del Grande. Em 1951, ele sofreu um acidente durante uma partida de Futebol, e ficou paraplégico. Os médicos recomendaram a ele que viajasse para buscar tratamento nos Estados Unidos. Naquele país, Sérgio percebeu o quanto era dado valor para a prática esportiva associada ao processo de reabilitação.

Em meados da década de 50, Del Grande voltou para o Brasil, trazendo consigo uma cadeira de rodas especial para a prática do Basquetebol. Ele fundou o Clube dos Paraplégicos de São Paulo e procurou incentivar outras pessoas com deficiência a praticar a modalidade, através de exposições. Como sua cadeira havia sido fabricada nos Estados Unidos e não existia modelo parecido no Brasil, um fabricante procurou Sérgio para desenvolver aquele material aqui, utilizando de sua cadeira de rodas como protótipo. Em troca, Del Grande solicitou que o fabricante desse a ele 10 cadeiras de rodas, para que a primeira equipe fosse formada. E foi o que aconteceu.

A partir daí, o Basquete em Cadeira de Rodas no Brasil passou a evoluir cada vez mais. Em 1959, a equipe do Clube dos Paraplégicos de São Paulo viajou para a Argentina para disputar duas partidas contra a seleção daquele país. Venceram os dois jogos, um realizado em Buenos Aires e outro em Mar Del Plata. De lá pra cá, o Basquetebol em Cadeira de Rodas no Brasil se fortalece cada vez mais, tornando-se uma das maiores potências no mundo, tornando-se um aliado a inclusão social.

É preciso esclarecer que existem inúmeros portadores de necessidades especiais que sofrem pelo descaso da sociedade, mas que se encontram aptos para realizarem qualquer atividade física, a inclusão e integração dos deficientes físicos é necessária uma forma é através do desporto basquetebol.

O papel do esporte no processo de Inclusão e Integração dos Portadores de necessidades especiais

Quando nos deparamos com o número alarmante de pessoas com que nascem ou se tornam pessoas com necessidades especiais, nos deparamos também com as dificuldades que existem para que ele possa exercer sua cidadania. Assim, um processo de inclusão e integração, passa obrigatoriamente pela informação que elimina não apenas as barreiras arquitetônicas, mas também o preconceito.

Desde a história da civilização que o homem constrói a imagem de seus heróis sempre aliando a isso a sua perfeição, e como consequência suas vitórias. Competir faz parte do padrão de comportamento de todo ser humano. Para a pessoa portadora de necessidades especiais, como competir num ambiente onde seu comprometimento é associado à incapacidade, inabilidade, entre outros termos tão discutidos e divulgados? Focaliza-se a necessidade, quando deveria ser focalizado o potencial de cada um.

Congênita ou adquirida, o que realmente importa é o fato: o comprometimento seja ele físico, sensorial ou mental. Algumas ações podem mudar esse comportamento, e para que isso possa acontecer cientificamente, a psicologia vem se estruturando e se especializando cada vez mais no desenvolvimento humano.

O esporte tem sido um grande aliado da psicologia nesse processo, contribuindo com a realização do ser humano. Uma criança em sua cadeira de rodas – para algumas: velha companheira, para outras: a sensação de estar em condições de igualdade - quando incentivada, dá liberdade ao seu corpo, sente e demonstra o prazer desse movimento. A criança que nasce ou se torna portadora de uma deficiência desenvolve atividades

repetitivas que embasam os objetivos propostos pelo processo de reabilitação perdendo muito do lúdico no seu desenvolvimento.

“Brincar é a mais elevada forma de pesquisa” (A. Einstein) e essa possibilidade pode ser adquirida através do brincar no esporte. O esporte por ter aspecto lúdico propicia uma reflexão mais saudável sobre o comprometimento da deficiência, fortalecendo a personalidade dessa criança para que possa estabelecer um projeto de vida com confiança no futuro.

Um outro aspecto que temos observado é o fortalecimento da auto-estima e com isso a exposição do corpo diferenciado deixa de ser uma preocupação. Exemplo disso é a experiência de quatro atletas, entre 12 e 15 anos de idade, que são amputadas de membros inferiores, três amputação unilateral e uma bilateral, participam dos treinos sem suas próteses. No início elas ficavam envergonhadas em retirar as próteses, mas com muito cuidado e atenção pudemos facilitar esse processo. Elas receberam a informação de que teriam maior agilidade em quadra no manuseio da cadeira, e isso passou a ser encarado de forma natural.

A alegria das crianças que participam dos projetos Cesta de Três e Kids, contamina a todos os integrantes da equipe multiprofissional, aos familiares, amigos, enfim a todos que assistem aos treinos. O sorriso aberto e franco de cada uma delas é o reflexo do que vai a seus corações, é a expressão do quanto ela está feliz. Em sua generosidade, compartilha esse momento tão especial em suas vidas e, com simplicidade nos ensina que ela é capaz.

Esporte para pessoas portadoras de deficiência: como, quando e onde?

O esporte adaptado pode ser definido como aquele adaptado ou modificado para ir de encontro às necessidades especiais de pessoas portadoras de deficiências. Ele pode ser praticado por pessoas portadoras de deficiências motoras, visuais, auditivas, mentais e múltiplas, embora nos Jogos Paraolímpicos os deficientes auditivos não participem.

O esporte adaptado deve ser praticado preferencialmente em locais adaptados para facilitar a locomoção das pessoas portadoras de deficiências, especialmente motoras e visuais. Não são necessárias grandes adaptações no local, mas sim o mínimo para que os atletas possam se locomover de forma independente e segura. Também é importante se observar que os banheiros e vestiários devem possuir portas amplas para facilitar o acesso a todos.

Caso a deficiência seja congênita, o ideal é que desde cedo à criança seja estimulada para a prática esportiva, observadas as limitações impostas pela sua deficiência. Já para as deficiências adquiridas, é preciso que, antes de se iniciar a prática esportiva, o indivíduo tenha cumprido todas as etapas do seu processo de reabilitação, onde reaprenderá a realizar suas atividades diárias na sua nova condição.

Ao iniciar a prática de algum esporte, é preciso que o indivíduo tenha um atestado médico, assegurando que suas condições de saúde não são limitantes para a prática do esporte e também é de grande importância uma orientação profissional adequada. Tanto as aulas na iniciação esportiva quanto os treinamentos mais especializados deveriam ser ministrados por professores de educação física devidamente formados e com conhecimentos sobre o esporte e as deficiências.

Para se trabalhar com o esporte adaptado, é fundamental que o professor de educação física tenha em mente que seus atletas, apesar de apresentarem condições

especiais, são perfeitamente capazes de atingirem elevados níveis de desempenho e, desta forma, não devem ser subestimados.

Orientação para o comportamento vs orientação para o resultado

Quando se pergunta aos jogadores de BCR sobre seus objetivos em suas equipes, muitos deles relacionam a competição com objetivos orientados ao resultado, tais como, “vencer outra equipe”, “ganhar a competição”, “chegar aos play-off’s” ou “ser campeão nacional”.

Embora os objetivos orientados para o resultado sejam partes integrantes da competição esportiva, os jogadores e os técnicos não devem ter um foco exclusivo na orientação para o resultado. Esta orientação condiciona jogadores e técnicos a melhorar seus desempenhos e, conseqüentemente, sua competência baseado em vitórias e derrotas. Como conseqüência desse processo, não é permitida visualizar o progresso advindo da qualidade de desempenho demonstrada na evolução do domínio técnico dos jogadores.

Algumas equipes freqüentemente jogam bem, mas perdem devido a orientação para resultado, em termos de vitórias e derrotas, ser também influenciada por fatores externos onde nem os jogadores nem os técnicos controlam. Por exemplo: o nível de habilidade da equipe adversária, os árbitros escalados para o jogo, as lesões, as doenças e o fator sorte são, apenas, poucos fatores externos que influenciam os resultados das equipes.

O foco no alcance de desafios, obtidos com a orientação para o comportamento, permite uma experiência positiva na evolução do desempenho dos participantes, mesmo na derrota, pois estes passam a controlar a situação de perder.

A ansiedade inibe o desempenho e isso é conhecido. A ansiedade é resultado de um medo relacionado a uma avaliação negativa ou a partir de uma grande ênfase na vitória. Para diminuir o medo frente a uma situação negativa, devem-se ajudar os jogadores direcionando-os a um foco pessoal apropriado e aos objetivos da equipe. O não direcionamento, aos jogadores, dos objetivos orientados ao resultado reduz a ansiedade e melhora o desempenho.

O Esporte é Saúde, é Vida!

A Organização Mundial de Saúde - OMS estima que no Brasil existam de 15 a 20 milhões de pessoas portadoras de algum tipo de restrição física. Por mês, somente em São Paulo, cerca de 10 mil pessoas tornam-se deficientes em decorrência, principalmente, de acidentes automobilísticos e da violência urbana que assola a cidade e o país.

Esses “novos” deficientes ficam anos enclausurados em casa, inconformados, desmotivados e sem perspectivas de reagir diante dessa nova realidade. Quando finalmente criam coragem para sair da reclusão, depara-se com um cenário duro e ingrato. São vítimas do preconceito e da falta de espaços públicos adequados que propiciem o mínimo de condições de acesso e conforto.

Diante desse quadro, o esporte figura como uma poderosa ferramenta para a reintegração do deficiente à vida social. O esporte melhora a qualidade de vida, aumenta a auto-estima, dá disposição, amplia o círculo de amizades, desenha o corpo, mexe com a cabeça e com o humor.

Quando praticado de maneira coletiva, o esporte ensina a trabalhar em equipe, somando esforços para atingir um objetivo comum. Mais que conquistar metas, o

esporte ajuda a superá-las. Se um deficiente físico é capaz de jogar basquete ou tênis, então ele pode fazer qualquer coisa.

Ao abraçar a prática esportiva, o deficiente recupera a motivação para a vida e, enfrentando com valentia suas limitações físicas, procura também outras atividades que pareciam ser inatingíveis: trabalhar, namorar, casar, estudar, conhecer novos amigos.

O esporte transforma os deficientes em verdadeiros campeões. A cada dia encontra em seu interior uma energia extraordinária para vencer o medo, superar o preconceito e conquistar resultados expressivos. Isso pode ser constatado em algumas marcas.

Em 1996, o atleta americano Tony Volpentest, correu 100 metros rasos em 11,36 segundos. Um número espantoso por si só, mas que se torna ainda mais espetacular se for levado em consideração que ele nasceu sem as pernas e os braços. O resultado, obtido durante os Jogos Paraolímpicos de Atlanta, nos Estados Unidos, representou o novo recorde mundial da modalidade praticada por deficientes físicos. Em 1999, seu conterrâneo, Brian Frasure, quebrou novamente o recorde numa competição em Sidney, Austrália: 11,33 segundos.

Para se ter uma idéia do que representam essas marcas, o homem mais rápido do mundo completou a prova mais nobre do atletismo em 9,74 segundos. Assafa Powel, velocista de 26 anos que não possui nenhuma restrição física, é somente um segundo e meio mais rápido que seus colegas amputados. Brian e Tony usam próteses nas pernas.

No Brasil a prática do esporte adaptado ainda é pouco desenvolvida e divulgada. Algumas entidades, a despeito da enorme dificuldade encontrada, trabalham para reversão dessa realidade. A partir desse enfoque, a ADD – Associação Desportiva para Deficientes, busca reintegrar o deficiente à sociedade através da prática esportiva,

investindo no desenvolvimento e na profissionalização do esporte adaptado. A filosofia da ADD é pautada principalmente no trabalho em equipe e na valorização da pessoa humana.

Em inglês, a palavra add significa somar, adicionar. Acredito que cada um pode fazer um pouquinho; essas ações somadas são o caminho para a construção de um grande ideal e de uma sociedade melhor para todos.

A informação é a chave para minimizar as conseqüências que os deficientes, de modo geral, enfrentam. As crianças, líderes de amanhã, devem ser colocadas desde cedo em contato com essa realidade. Em breve, os empresários descobrirão que o deficiente representa um vasto mercado consumidor, sedento por produtos que facilitem a sua vida. O investimento no esporte adaptado deve ser encarado como uma ação que também oferece grandes retornos de imagem institucional.

Conclusão

Através desse artigo esperamos demonstrar que através do Desporto, esporte ou outro tipo de atividade que milhões de brasileiros que possuem algum tipo de necessidade especial têm toda capacidade de exercer qualquer papel dentro da sociedade e de praticar atividade promovendo saúde física e mental, aumentando a auto-estima, sociabilizando com este mundo que a maioria das coisas é voltada para competição, mas para isso funcionar é necessário a união de esforços conjuntos com a sociedade passando por um reeducação e reivindicando, do estado promovendo áreas próprias para o lazer, incentivando as instituições que dão apoio a essas pessoas com necessidades, melhoria em transportes e locomoção em via públicas para o deficiente e o mais importante o total apoio das famílias procurando auxílio psicológico e de pessoas

especializadas, pois muitas delas acabam entrando em depressão tem vergonha escondendo os filhos ou parentes, a melhor solução é encarar e superar todos os dias obstáculos que a vida nos proporcionam. A inclusão é a melhor forma, diversas instituições estão prontas para atender e também precisando de auxílio e ajuda.

Referências Bibliográficas

<http://www.iwbf.org> Acessado em 16 de janeiro de 2008.

<http://www.cbb.com.br> Acessado em 17 de janeiro de 2008.

<http://www.basketrio.com.br> Acessado em 18 de janeiro de 2008.

CARNEIRO, S.L.M.A. O que querem os deficientes? *Temas sobre Desenvolvimento*. Vol.4.nº.19,1994

RIBEIRO, Sônia Maria. *Basquetebol em cadeiras de rodas*. In Encontro De Educação Especial Na UEM. Maringá: Bertoni, 2001.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO: REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. – Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988, 292 p.

BELASCO JUNIOR, D.; OLIVEIRA, F.R. Consistência dos resultados do teste de corrida em ziguezague de Barrow (modificado) em jogadores de basquetebol em cadeira de rodas. In.: SIMPÓSIO DE PÓSGRADUAÇÃO, 2., São Paulo, 1997.

SOUZA, W. C. A Inclusão do Educando com Deficiência na Escola Pública Municipal de Goiânia: O Discurso de Professores de Educação Física. 2003. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: Considerações para a Prática Pedagógica na Escola. *Integração*, v. 14 – Edição Especial - Educação Física Adaptada -, p. 27-30, 2002.